



ENCONTRO DE MULHERES GUARANI
DO LITORAL NORTE DO ESTADO DE SÃO PAULO



Comissão Pró-Índio
de São Paulo



Comissão Pró-Índio
de São Paulo

ENCONTRO DE MULHERES GUARANI



DO LITORAL NORTE DO ESTADO DE SÃO PAULO

Encontro de Mulheres Guarani do Litoral Norte do Estado de São Paulo

Organização: Selma A. Gomes
Projeto gráfico: Irmãs de Criação
Fotos: Carlos Pentead

Publicado com o apoio da CAFOD
Novembro de 2004



Comissão Pró-Índio de São Paulo (CPI-SP)
Rua Padre Carvalho, 175 – Pinheiros – CEP 05427-100 – São Paulo – SP
tel. 55 11 3814-7228 – fax 55 11 3518-8961
cpisp@cpisp.org.br
www.cpisp.org.br

ÍNDICE

Apresentação	05
Participantes da Oficina	06
Aldeias Guarani do Litoral Norte	07
Programação da Oficina	08
O Dia-a-Dia dos Homens e das Mulheres Guarani	09
Desafios dos Homens e das Mulheres Guarani	14
Como Enfrentar os Desafios?	16
A Caminhada das Mulheres Guarani	18



APRESENTAÇÃO

A Comissão Pró-Índio de São Paulo promoveu a oficina Mulheres Guarani do Litoral Norte nos dias 27 e 28 de julho de 2004, contando com a consultoria da Sempreviva Organização Feminista e o apoio financeiro da CAFOD.

Em 2000, a Comissão Pró-Índio de São Paulo definiu como uma de suas prioridades institucionais incorporar a perspectiva de gênero em sua atuação. Assumiu, assim, o desafio de trabalhar a questão das relações entre homens e mulheres em comunidades tradicionais.

Perseguindo esse objetivo, a Comissão Pró-Índio de São Paulo promoveu este primeiro encontro com as mulheres Guarani do Litoral Norte de São Paulo, que contou com a presença de 17 mulheres das Aldeias Boa Vista, Wiutu-Guaçu e Ribeirão Silveira. Muitas mães trouxeram seus filhos – ao todo, estiveram presentes 14 crianças, com idade entre 2 meses e 11 anos.

O encontro possibilitou a interação e a troca de informações entre as participantes. Evidenciou também os principais problemas de cada aldeia a partir da perspectiva das mulheres Guarani.

A avaliação geral das participantes foi de que, apesar de a oficina ter sido uma experiência difícil – pois exigiu enfrentar a timidez, deixar a aldeia, falar em português –, foi um momento importante de troca de experiências. Diversas índias manifestaram seu desejo de participar de outros encontros desse tipo.

Neste documento, a Comissão Pró-Índio de São Paulo apresenta um resumo do que foi realizado e discutido nos dois dias desse encontro.

PARTICIPANTES DA OFICINA

Nome	Aldeia
Adriana Lima	Boa Vista
Beatriz dos Santos	Boa Vista
Claudia de Souza	Boa Vista
Claudinéia E. Almeida	Ribeirão Silveira
Clélia Evaristo Almeida	Ribeirão Silveira
Cristiane dos Santos	Ribeirão Silveira
Fernanda da Silva	Boa Vista
Ivana Beniti da Silva	Wiutu-Guaçu
Joana de Lima	Boa Vista
Juliana de Souza	Boa Vista
Luiza da Silva de O. Para	Boa Vista
Lurdes da Silva	Boa Vista
Regiane Maria da Silva	Wiutu-Guaçu
Rosimeire Oliveira	Boa Vista
Sebastiana da Silva	Boa Vista
Suelen Cardoso de Castro	Wiutu-Guaçu
Tereza Djera da Costa	Wiutu-Guaçu

EQUIPE DE APOIO

Jana d'Ávila
 Luciano Evangelista Silva
 Maisa Sobelman
 Marisa dos Santos Rodrigues

COORDENAÇÃO DA OFICINA

Bruna Zagatto/SOF
 Selma Gomes/CPI-SP

ALDEIAS GUARANIS DO LITORAL NORTE



1. Aldeia Ribeirão Silveira
 S. Sebastião - Bertioga

2. Aldeia Wiutu-Guaçu
 Ubatuba

3. Aldeia Boa Vista
 Ubatuba



PROGRAMAÇÃO DA OFICINA

27/07

Manhã

- Apresentação e caminhada na praia com as crianças
- Apresentação do Parque Estadual da Serra do Mar
- Núcleo Picinguaba
- Levantamento das expectativas

Tarde

- Relações sociais de gênero nas comunidades Guarani: como é o dia-a-dia dos homens e das mulheres Guarani nas aldeias?

Noite

- Sessão de vídeo

28/07

Manhã

- Futebol na praia
- Levantamento, discussão e reflexão sobre os principais problemas das comunidades e das mulheres Guarani

Tarde

- Sistematização dos problemas
- Como as mulheres podem contribuir para melhorar os problemas de suas aldeias e seus problemas específicos?
- Avaliação e encerramento

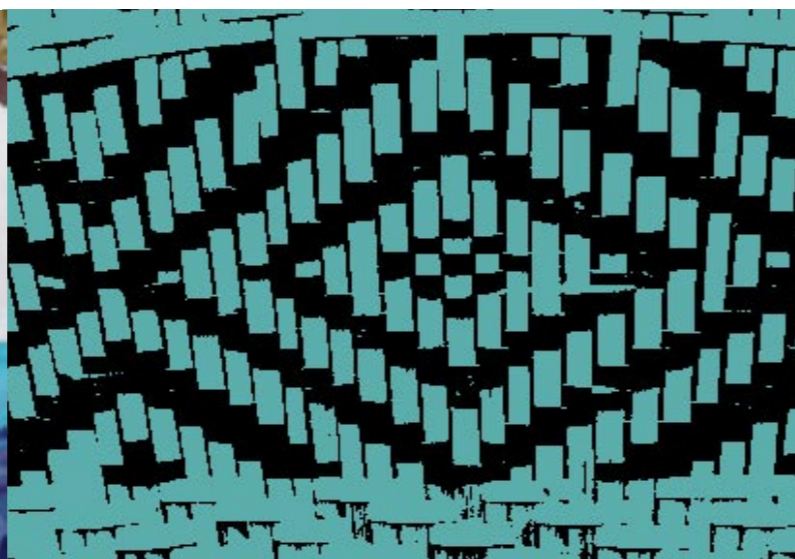
Noite

- Volta das participantes para as aldeias

O DIA-A-DIA DAS MULHERES GUARANIS

As mulheres Guarani fazem artesanato, buscam lenha, fazem o fogo, pescam, carpem, cortam palmito, cuidam da horta, lavam roupa, trabalham na roça, cozinham, cuidam dos filhos e da casa. As roças destinam-se a garantir o consumo familiar. Nelas são plantadas mandioca, milho, feijão, batata-doce e banana. As mulheres participam do plantio,

do roçado e da colheita, juntamente com os homens. As mulheres mais idosas têm grande conhecimento sobre plantas medicinais e algumas delas exercem o papel de parteiras em suas comunidades. Segundo as participantes do encontro, as atividades mais difíceis para as mulheres Guarani realizarem são: coletar palmito, pegar lenha e trabalhar na roça.





O DIA-A-DIA DOS HOMENS GRARANIS

Os homens Guarani constroem casas, cortam palmito, pegam lenha, fazem artesanato, caçam, pescam, preparam e cuidam da roça, jogam bola, batem tambor e tocam rabeca.

São os homens que, tradicionalmente, desempenham os papéis de cacique e pajé nas aldeias Guarani.

A PARTICIPAÇÃO DE HOMENS E MULHERES NA GERAÇÃO DE RENDA

A venda do artesanato é a principal fonte de renda das comunidades Guarani do Litoral Norte. Homens e mulheres Guarani confeccionam e comercializam o artesanato.

A venda é realizada na beira da rodovia e nas feiras livres das cidades de Ubatuba, São Sebastião e Bertioga. As condições de comercialização na beira da estrada são precárias e oferecem perigo à segurança dos Guarani, especialmente das crianças.

Outras atividades geradoras de renda, que envolvem tanto as mulheres como os homens, são: a comercialização do palmito juçara e de mudas de espécies nativas e as apresentações de música e dança tradicionais em eventos culturais.



MUDANÇAS TRAZIDAS DA RELAÇÃO COM OS "JURUÁ"

Do contato com a sociedade envolvente, e da conseqüente necessidade de participação nas políticas públicas que lhes dizem respeito, novos papéis foram surgindo na estrutura das comunidades indígenas. Na área do atendimento à saúde, pessoas da comunidade passaram a exercer as funções de agente indígena de saúde, agente indígena de saneamento, conselheiro local e conselheiro distrital de saúde. Já na área de educação, os Guarani passaram a ocupar cargos como o de professor indígena e de representante nos Conselhos Regional e Estadual de Educação. Em algumas aldeias Guarani

também foram criadas associações, como canais de relacionamento com os "juruá" e de desenvolvimento de projetos comunitários. Nas comunidades Guarani são os homens os principais responsáveis pelo estabelecimento das relações políticas com os "juruá". Por esta razão, a maioria das novas funções citadas acima é exercida por eles. No entanto, as mulheres Guarani vêm aos poucos ocupando esses cargos. Hoje, em algumas aldeias Guarani, mulheres exercem o papel de professoras e de agentes indígenas de saúde. No encontro esteve presente uma agente indígena de saúde da Aldeia Boa Vista.

DESAFIOS DOS HOMENS E DAS MULHERES GUARANIS

Na oficina, as mulheres Guarani apresentaram e discutiram os principais desafios enfrentados por seu povo no momento atual.

Garantir o alimento

A falta de alimento foi destacada como o principal problema enfrentado pelas famílias Guarani.

A maioria dos produtos que as famílias Guarani consomem é comprada na cidade. O recurso conseguido com a venda do artesanato não é suficiente para a compra regular dos produtos alimentícios. Os Guarani vêm enfrentando também dificuldade para fazer seus roçados, em consequência da falta progressiva de locais próximos da aldeia adequados para agricultura.

Uma das participantes da oficina mencionou que as aldeias Guarani da Capital são contempladas com o Programa Renda Mínima. Em sua opinião, este programa deveria ser estendido para todas as aldeias do Litoral Norte.

Assegurar a terra

A Mata Atlântica é de fundamental importância para o povo Guarani: é da floresta que tiram as matérias-primas para a confecção de seus artesanatos, extraem plantas medicinais e madeiras para diversos fins, praticam a caça e a pesca.

Os Guarani necessitam de um território extenso e que permita tanto às comunidades de hoje como às futuras gerações viverem de forma digna e sustentável, mantendo suas tradições culturais. A Constituição Federal assegura aos povos indígenas o direito a sua

terra, que deve ser demarcada pelo governo federal. No entanto, os Guarani da Aldeia Wiutu-Guaçu não tiveram sua terra demarcada pela FUNAI. O processo de identificação sequer foi iniciado.

As comunidades de Boa Vista e Ribeirão Silveira já têm suas terras demarcadas; no entanto, reivindicam a revisão de seus limites, pois a dimensão atual dos territórios não garante às comunidades e às futuras gerações viverem de modo sustentável.

Conseguir infra-estrutura

As mulheres de Wiutu-Guaçu colocaram a necessidade de inclusão de sua aldeia no Programa Moradia Indígena, da Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Governo do Estado de São Paulo (CDHU).

A Aldeia Wiutu-Guaçu é a única do Litoral Norte que não foi contemplada com esse programa, porque sua terra não foi identificada. Na Aldeia Ribeirão Silveira foram construídas 59 casas e na Aldeia Boa Vista está prevista, para o ano de 2005, a construção de 50 casas.

As mulheres da Aldeia Boa Vista relataram que a estrada que liga a rodovia à aldeia se encontra em péssimas condições, havendo a necessidade de manutenção.

Em relação à educação, as mulheres apontaram a ausência de um transporte das aldeias para as escolas de 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. No caso da Aldeia Wiutu-Guaçu, foi mencionada pelas mulheres a falta de cozinha e merendeira na escola.



Aldeia	Município	População (habitantes)	Extensão (hectares)	Situação fundiária
Boa Vista	Ubatuba	145	920,66	Registrada em 1987. Desde 2000 a comunidade reivindica a revisão dos limites.
Wiutu-Guaçu (Renascer)	Ubatuba	32	-	Não identificada.
Ribeirão Silveira	Bertioga e São Sebastião	276	948	Registrada em 1987. Está em processo a revisão dos limites.

COMO ENFRENTAR OS DESAFIOS?

Plantio do palmito

As mulheres colocaram a necessidade de todos começarem a plantar mudas da palmeira juçara em áreas próximas de suas casas, garantindo assim esta fonte de renda.

Isso já vem ocorrendo em algumas aldeias, como na Aldeia Boa Vista.

Incentivo ao artesanato

Foi colocada a importância de se conseguir um espaço coletivo para os Guarani exporem e venderem seu artesanato – assim não precisariam ficar vendendo na beira da estrada.

Projetos envolvendo as mulheres

Foi enfatizada a necessidade de se desenvolverem para as mulheres projetos específicos, que possam gerar o aumento da renda familiar e a conseqüente segurança alimentar. Uma das participantes da Aldeia Wiutu-Guaçu propôs que fossem realizadas em sua aldeia oficinas de artesanato, onde as mais velhas passariam algumas técnicas às mais jovens.

Creche

Há uma grande preocupação das índias Guarani com a falta de alimentos para as crianças menores de seis anos, já que as crianças acima dessa idade têm alimentação garantida durante o período escolar. Por essa razão, as mulheres Guarani colocam como prioridade a construção de “creches” nas aldeias, isto é, espaços coletivos onde as crianças menores de seis anos pudessem ficar e se alimentar durante o dia.



A CAMINHADA DAS MULHERES GUARANIS

A oficina apontou também os desafios específicos para as mulheres Guarani.
Ao final do encontro, foram apontados como os próximos passos da caminhada das mulheres Guarani:

perderem a vergonha
exporem suas opiniões
unirem-se e se organizarem

Para vencer esses desafios, foram indicados os seguintes caminhos:

- participar das reuniões nas aldeias;
- lutar junto com os homens para que os direitos dos povos indígenas sejam respeitados;
- participar de novos encontros de mulheres;
- aprender mais o português.

